



MAIs. Mulheres Agricultoras em Territórios do Interior

Os papéis e as necessidades das Mulheres Agricultoras em Territórios do Interior. Metodologia de grupos focais.

Financiado por:

Iceland
Liechtenstein
Norway grants

Operador do programa:

Promotor:

Parceiros:



MAIs. Mulheres Agricultoras em Territórios do Interior

Relatório de análise e tratamento dos grupos focais

Autores/as: Diana Gomes, Miguel Jesus, Rosário Rosa, Adriana Ascensão, Sílvia Martins, Teresa Neves, Cristina Amaro da Costa, Ângela Abreu, Cristina Bandeira & Hugo Joía

Índice

Índice	2
1. Enquadramento	4
2. Abordagem teórico-metodológica. Grupo focal enquanto abordagem exploratória do projeto MAIs	7
2.1 Preparação do grupo focal	9
2.2 Guião e dinamização do grupo focal	10
3. Análise dos resultados	14
3.1 Da transcrição à análise de dados	14
3.2 Percepções sobre a agricultura	16
<i>A. Transformações na agricultura</i>	16
<i>B. Percepções sobre a agricultura enquanto profissão</i>	18
<i>C. Estereótipos</i>	19
3.3 Relação com a agricultura	20
<i>A. Relação com a agricultura e perspetiva sobre a vida de agricultora (aspetos positivos e negativos)</i>	20
<i>B. Posse da terra</i>	25
<i>C. Gestão da terra e propriedade</i>	25
3.4 Divisão sexual do trabalho	26
<i>A. Trabalho doméstico</i>	26
<i>B. Trabalho agrícola</i>	28
3.5 Participação social	33
<i>A. Associativismo e ocupação de espaços de decisão formais</i>	33
<i>B. Hobbies e pluriatividade</i>	34
3.6 Percepções e partilhas sobre ser mulher agricultora	35
<i>A. Autoimagem</i>	35
<i>B. Dificuldades sentidas enquanto mulheres agricultoras</i>	36
3.7 Identificação de dificuldades no exercício da profissão	37
<i>A. Entraves estruturais</i>	37
<i>A1. Falta de mão de obra</i>	38
<i>A2. Relutância em confiar o trabalho da sua exploração a outras pessoas</i>	39
<i>A3. Praga dos Javalis em S. Pedro do Sul</i>	39
5. Sugestões de áreas de intervenção	40
6. Limitações	41
7. Referências Bibliográficas	42

Anexos	43
Grupo Focal Sabugal. Fotografias	43
Grupo Focal S. Pedro do Sul. Fotografias	43

1. Enquadramento

O projeto MAIs tem como objetivo aumentar a participação cívica e associativa das mulheres agricultoras nas regiões do interior, através da sua capacitação, contribuindo para a maior visibilidade do seu papel social e para o aumento da igualdade entre homens e mulheres (em concordância com a Carta das Nações Unidas, Agenda 2030 (5.5. e 5.a.1) e Declaração Universal de Direitos Humanos).

A literatura nacional e europeia é consensual na afirmação de que a participação das mulheres no crescimento económico é estratégica para os objetivos da EU2020 e que o seu papel nas áreas rurais e na agricultura é de enorme importância (EIGE, 2016). As razões que justificam a importância das mulheres na agricultura relacionam-se com: a sua capacidade de inovação e diversificação de atividades; a força motora na manutenção, conservação e desenvolvimento das zonas rurais; a preservação de memórias e saberes tradicionais (EIGE, 2016) e na garantia de uma alimentação e de uma nutrição saudáveis (SIDA, 2015). No entanto, a maioria destas mulheres permanece invisível nas estatísticas da agricultura porque, muitas vezes, elas próprias não se consideram trabalhadoras rurais, não se inscrevem na segurança social e não assumem a propriedade das terras (esse papel é atribuído aos homens). Em resultado, estas mulheres conhecem fortes vulnerabilidades, nomeadamente ao nível das desigualdades de género e dependência económica, acentuadas pela sua fraca representatividade nas estruturas associativas locais e nos lugares de decisão.

Este projeto tem por foco o estímulo da cidadania ativa e da visibilidade e participação social das mulheres agricultoras na esfera pública e no desenvolvimento local, conforme objetivo da Estratégia Nacional para a Igualdade e Não Discriminação e do Programa de Conciliação e Igualdade de Género das EEagrants. Para este propósito, delineou-se um projeto de intervenção baseado na Teoria da Mudança, que pressupõe a utilização de instrumentos participativos, desde a fase de diagnóstico, à intervenção e à avaliação. O projeto, enquanto experiência piloto passível de ser replicada no futuro em diferentes regiões, será aplicado através de um plano de ações locais de capacitação destas mulheres, em dois concelhos da região interior centro de Portugal – São Pedro do Sul e Sabugal –, de forma a permitir equacionar o impacto desta capacitação, de acordo com algumas variáveis diferenciadoras, como idade, escolaridade, formação e nível inicial de participação associativa, com outras

variáveis estruturais, como o isolamento e o envelhecimento da população. Todas as atividades serão estruturadas com base nas necessidades diagnosticadas na primeira fase do projeto junto das mulheres, através de inquéritos por questionário e por grupos focais. O posterior desenvolvimento será construído com base na participação conjunta das beneficiárias com as entidades parceiras, na troca de experiências e boas práticas, com foco no empoderamento e no aumento da participação cívica das mulheres agricultoras. Espera-se que o projeto contribua para o aumento da participação cívica destas mulheres agricultoras da região do interior centro de Portugal (beneficiárias diretas), servindo como experiência piloto a ser replicada noutras regiões, através da utilização e do aperfeiçoamento da metodologia e dos instrumentos de intervenção desenvolvidos.

O projeto MAIs, na sua proposta de candidatura, está estruturado em cinco atividades que, por sua vez, compreendem um conjunto de ações desenhadas em função de objetivos específicos. A primeira atividade, essencial para definir os contornos particulares da intervenção e para garantir a avaliação rigorosa do impacto do projeto, é o levantamento de dados no terreno. Esta fase de diagnóstico permitirá, num primeiro momento, a identificação e a caracterização socioeconómica das mulheres que se dedicam à agricultura familiar, bem como a compreensão e avaliação do papel que desempenham na organização da exploração e da família, recorrendo a um conjunto variado de instrumentos. Nesta fase de diagnóstico, irão decorrer os grupos focais, compostos pelas mulheres das regiões de atuação do projeto - São Pedro do Sul e Sabugal. Com esse efeito, o objetivo destes grupos focais centra-se na recolha de informações sobre as representações e as perceções dessas mulheres sobre a agricultura e sobre o seu trabalho enquanto mulheres agricultoras, bem como no mapeamento e na identificação das eventuais necessidades de formação/capacitação que estas possam ter. Esta técnica permite o estabelecimento de um primeiro contato entre o projeto e as mulheres agricultoras destas regiões através da criação de um ambiente de partilha e convívio.

Posteriormente, com base em toda a informação recolhida no terreno, passar-se-á à construção do instrumento de intervenção - um roteiro de ação para o empoderamento das beneficiárias, que abordará os conteúdos técnicos e de desenvolvimento pessoal da sua capacitação, a formação para a sensibilização que

será dada a técnicos e outros atores locais, a abordagem pedagógica, a metodologia e a planificação (logística e calendarização) dos trabalhos. A terceira atividade consiste na intervenção em si, através da implementação dos instrumentos elaborados na fase anterior e da monitorização contínua e participada da Teoria da Mudança. De modo a atingir a transformação pretendida pelo projeto - o empoderamento das mulheres agricultoras em territórios rurais de modo a aumentar a sua participação social -, as beneficiárias serão divididas em grupos de pequena ou média dimensão, de forma a contornar os constrangimentos geográficos e maximizando a atenção dada às necessidades de cada grupo, e serão capacitadas a dois níveis: técnico e pessoal. O primeiro será trabalhado através da formação (teórica e/ou prática, mais ou menos formal, de acordo com a realidade encontrada no terreno) nos domínios da produção agrícola ecológica, da comercialização justa e da organização coletiva. O segundo nível passará por trabalhar com as mulheres uma área do seu interesse, ligada ou não à agricultura (ex.: saúde, tecnologia, artesanato, entre outros), a partir de um projeto prático por elas desenhado, com recurso a ferramentas criativas e não formais. O empoderamento que advirá desta capacitação mista deverá resultar, com o apoio da equipa técnica, na criação de coletivos agrícolas (associações ou cooperativas), no aumento da sustentabilidade socioeconómica das beneficiárias, promovendo conseqüentemente uma maior igualdade entre homens e mulheres. De modo a garantir o seu acompanhamento findo o projeto, será dada formação paralela a técnicos e outros agentes locais. A quarta atividade, a realizar após a fase de capacitação, consiste na medição do impacto da intervenção e da sustentabilidade do projeto. Além de representar um último estágio de avaliação que, com recurso à Teoria da Mudança, será, na realidade, contínua ao longo de todo o projeto, esta atividade permitirá redigir um conjunto de recomendações dirigido a técnicos e outros atores locais, que assumirão assim as ferramentas e a responsabilidade para assegurar o acompanhamento das beneficiárias. Por fim, a quinta atividade consistirá na comunicação do projeto: durante todo o período de implementação, através de um *website*, redes sociais e meios de comunicação social e através da realização de eventos de apresentação de resultados, nomeadamente um seminário final com a presença de todos os parceiros.

Este documento reporta o processo e os resultados da primeira etapa da investigação: os grupos focais. O segundo capítulo é dedicado à apresentação da

abordagem teórico-metodológica, com a apresentação de uma breve revisão da literatura sobre os procedimentos metodológicos subjacentes à dinamização dos grupos focais. Explicamos todo o processo realizado desde a preparação do guião, ao contacto com as participantes, bem como a dinamização do grupo focal. No terceiro capítulo, apresentamos as categorias de análise. Por fim, divulgamos algumas considerações, limitações e pistas gerais para as próximas fases do projeto.

2. Abordagem teórico-metodológica. Grupo focal enquanto abordagem exploratória do projeto MAIs

Os grupos focais (ou entrevistas focalizadas de grupo) consistem numa técnica de investigação qualitativa de recolha de informação, na qual algumas pessoas são reunidas em grupo para discutirem um determinado tema de interesse, sob a moderação de um/a moderador/a que vai apresentando questões e estimulando a diversidade de opiniões (Dawson, Manderson & Tallo, 1993). Este tipo de entrevistas, de grupo, é uma técnica de pesquisa qualitativa, que permite compreender e analisar com maior profundidade a perspetiva (individual e coletiva) de um grupo de participantes selecionados acerca de temas/questões específicas (sugeridos pelo investigador/moderador do grupo) (Trad, 2009; Hernández Sampieri, Fernández Collado & Baptista Lucio, 2014).

A utilização do grupo focal tem vindo a intensificar-se ao longo das últimas décadas, pois esta é uma técnica de investigação de carácter participativo que permite compreender vivências a partir dos sujeitos em interação (Rabiee, 2004; Silva *et al.*, 2014). O grupo focal pode ser muitas vezes confundido com uma entrevista coletiva, porém estas são duas técnicas distintas - o grupo focal organiza-se através de questões abertas e não recolhe respostas factuais, mas, sim, opiniões, sentimentos e motivações; por outro lado, a entrevista coletiva orienta-se através de um questionário com perguntas mais diretas e pretende obter uma resposta coletiva (*ibidem*).

O objetivo desta técnica é recolher informações sobre determinados tópicos, através de um conjunto de participantes (aconselha-se que o grupo tenha entre 6 a 15

peçoas, de modo a permitir a participação efetiva de todos os participantes) que têm alguma experiência ou característica comum e cada sessão não deve durar mais do que 2 horas. Assim, a observação e o registo das interações que acontecem nos grupos focais são utilizadas “*como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos*” (Gondim, 2003; Trad, 2009).

Devem, no entanto, equacionar-se algumas limitações associados com o emprego da técnica: dificuldade de garantir total anonimato; suscetibilidade de interferência quanto aos juízos de valor do moderador; risco de que as discussões sejam desviadas ou dominadas por poucas pessoas, o que pode enviesar os resultados; baixo controlo de variáveis e não oferecem boas estimativas de frequência, o que pode gerar dificuldade de generalização para a população investigada (Trad, 2009).

Os grupos focais aqui analisados foram realizados numa fase exploratória de investigação e tiveram como objetivo conhecer melhor as mulheres agricultoras dos concelhos de atuação, bem como gerar e avaliar ideias recolhidas *a priori* através da análise teórica sobre o tema. O grupo focal também permite facilitar o acesso da equipa a indivíduos ou grupos normalmente relutantes em comunicar. As suas potencialidades são a criação de fios condutores de discursos, histórias de vida e experiências que se partilham durante as sessões. Posto isto, a equipa do MAIs assegurou a diversidade etária da amostra e também selecionou mulheres que se enquadram no conceito de agricultura familiar, preferencialmente com diferentes experiências em termos da sua situação face ao trabalho.

Pretende-se com estes grupos focais, num ambiente informal de partilha, melhorar a compreensão e avaliar o papel que as mulheres agricultoras desempenham no contexto da agricultura familiar, na organização da exploração, na família, na sociedade, bem como perceber e identificar as suas possíveis necessidades de formação/capacitação para o desenho de uma intervenção posterior que melhore as suas vidas.

2.1 Preparação do grupo focal

Foram realizadas várias reuniões *online* com a participação dos vários parceiros do projeto com o objetivo de traçar a estratégia ideal para a realização dos grupos focais. Os elementos representantes dos concelhos de atuação, por se tratarem de informantes privilegiados, identificaram e contactaram as potenciais participantes. Através destes contactos, gerou-se uma lista final com algumas informações do perfil da amostra, nomeadamente: nome, idade, contacto e freguesia de residência. Os grupos focais ocorreram nos dias 5 e 6 de maio de 2021 (no Sabugal e em S. Pedro do Sul, respetivamente), em espaço preparado para o efeito. Antes da realização dos grupos focais, houve um almoço-convívio, preparado pelas câmaras municipais, que serviu como quebra-gelo, na medida em que estas mulheres puderam conhecer a equipa de forma mais informal e ganhar confiança. Este momento de interação pré-grupo focal também serviu para administrar um questionário de caracterização sociodemográfica, que permitiu analisar de forma mais completa a amostra final, bem como para disponibilizar um documento informativo e de autorização da utilização da informação e da imagem e um certificado de participação.

A sessão decorreu numa sala com as cadeiras dispostas em formato meia-lua e com o moderador no centro, de modo a ser possível ao facilitador visualizar todas as entrevistadas, bem como facilitar a visualização da apresentação inicial. A apresentação inicial teve como objetivo apresentar e explicar os objetivos do projeto, do grupo focal e da temática da igualdade de género. Para além disto, também foram utilizados como materiais de apoio os *post-its* e o quadro que permitiram a realização de uma votação final sobre as necessidades e dificuldades das entrevistadas. A sessão foi gravada em áudio e imagem, mediante consentimento expresso de todos os participantes, de modo a potenciar a análise de conteúdo e discurso, bem como a triangulação das informações como parte do processo de validação dos dados. A dinamização das sessões coube a duas sociólogas da equipa, que contaram com o apoio da coordenação do projeto e de alguns parceiros que desempenharam o papel de observadores/annotadores.

2.2 Guião e dinamização do grupo focal

Definida a tipologia de grupo focal a realizar, procedeu-se à realização do guião dos grupos focais, que teve como base os objetivos específicos a que se procurava responder com a realização dos grupos focais. Estes iniciaram-se, tal como referido anteriormente, com uma breve apresentação de enquadramento e contextualização do projeto conduzida pelo representante do promotor do projeto (IPV). Ambas as sessões foram sempre compostas por um sociólogo e outro engenheiro agrónomo, sendo que este último auxiliou o grupo focal sempre que a discussão abordava questões técnicas de agricultura. O moderador ficou responsável por guiar o tema da conversa e garantir a participação de todas as agricultoras, fomentando o diálogo e promovendo uma dinâmica que evitasse a sobreposição de falas. Os observadores fizeram uma observação direta durante a sessão, que permitiu, num primeiro momento, avaliar o sucesso da mesma e identificar as problemáticas/ideias-chave que resultaram desta ação. O momento inicial foi um “quebra-gelo” que consistiu numa dinâmica de auto-apresentação das participantes (nome e concelho de residência) e na partilha de um provérbio ou ditado popular à sua escolha.

Para a exploração da temática, foi antecipadamente planeado um guião com poucos itens e permitiu a flexibilidade na condução do grupo focal (registo de temas não previstos, mas relevantes). Assim, entendemos que o roteiro de questões deveria ter no máximo cinco questões/tópicos para explorar com o grupo. A primeira questão poderia ser mais abrangente e mais “fácil” de responder, para abrir o debate, sempre com o objetivo de se incentivar a participação imediata de todos.

Neste sentido, o guião definido para os grupos focais a realizar no âmbito do projeto MAIs, comum aos dois grupos de mulheres, procurará avaliar as questões constantes no quadro 1.

Quadro 1. Temáticas e questões a explorar nos grupos focais a realizar no âmbito do projeto MAIs

Temáticas	Tópicos/questões
Perceções sobre a vida/papel das mulheres na comunidade onde vivem	Abordagem pessoal (como se veem a si mesmas) Abordagem interpessoal (como veem as outras mulheres) Como consideram que são vistas na comunidade? Na família? Pelos homens? Qual a participação social destas mulheres nas comunidades em que se inserem?
Perceções sobre a agricultura na região	Perceção do estado atual da agricultura, e das transformações ocorridas; Situação pessoal/familiar

Percepções sobre o valor e a divisão do trabalho entre mulheres/homens que trabalham na agricultura	Percepção geral sobre as desigualdades existentes entre homens e mulheres Situação pessoal (como é que o trabalho é dividido no agregado) Percepção sobre o valor do trabalho realizado por mulheres
Identificação dos principais problemas e de necessidades de formação/apoio	Identificar os principais problemas das mulheres agricultoras na região Identificar necessidades de formação Identificar necessidades de apoio

Por outro lado, devem evitar-se questões que se iniciem com a expressão “por que”, devido ao facto de originarem respostas defensivas, bem como questões objetivas que possam ser obtidas através de outras fontes. É importante que o tempo do grupo seja aproveitado para o debate de questões mais complexas, cuja apreensão seria mais limitada através, por exemplo, de questionários. Finda esta reflexão, as participantes foram convidadas a realizar uma votação secreta com o objetivo de fazer uma lista com os seus principais problemas enquanto mulheres agricultoras, bem como as necessidades de formação/apoio, que foi completada a partir da lista de dificuldades vindas das questões anteriores e das sugestões da equipa (máximo de 8 atividades que expressem a realidade do grupo). No fim, foi realizada uma nova votação secreta para eleger as três propostas mais pertinentes, por ordem de importância, através de *post-it*.

Os dois grupos focais ultrapassaram o tempo estimado para a sua realização: no Sabugal teve a duração de 2 horas e em S. Pedro do Sul teve a duração de 2 horas e meia.

1. Guião orientador para os grupos focais

Dimensões de análise	Perguntas, dinâmicas e recursos	Tempo estimado (minutos)
Caracterização as mulheres agricultoras participantes	Recolha prévia de informação de caracterização dos participantes: idade, escolaridade/formação, atividades/profissões que exerça (tempo integral/parcial), número elementos do agregado familiar (seguir caracterização sociodemográfica do inquérito já implementado no projeto)	5
Apresentação	Apresentação dos principais objetivos, fases e parceiros do projeto, com recurso a apresentação power point.	5
“Quebra-gelo” e apresentação das participantes	<i>Eu sou a NOME e partilho uma lenga-lenga/provérbio/adivinha e o seu significado</i>	20

<p>Perceções sobre a agricultura na região</p>	<p>Questão a colocar: “Enquanto mulheres agricultoras, residentes em S. Pedro do Sul/Sabugal, o que é que nos podem contar sobre a vossa experiência na agricultura?”</p> <p>Pistas para a informação a procurar</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quais as principais mudanças sentidas ao longo do tempo? - Quais as maiores dificuldades/ constrangimentos sentidos? - Quais os pontos fortes/oportunidades da vida rural? <p><i>As mudanças, dificuldades/constrangimentos e pontos fortes/oportunidades identificadas pelas participantes deverão ser registadas e listadas.</i></p>	<p>20</p>
<p>Perceções sobre o valor e a divisão do trabalho entre mulheres/homens que trabalham na agricultura</p>	<p>Questão a colocar: “Pensando na realidade da vida na agricultura que têm estado a relatar, consideram que a vida na agricultura é diferente para os homens e para as mulheres?”</p> <p>Pistas para a informação a procurar</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quais as tarefas atribuídas aos homens e às mulheres, respetivamente? - Quem detém o poder de decisão na família/exploração (considerar os aspetos económicos, domésticos, agrícolas e familiares, nomeadamente decisões sobre a descendência)? - Como se concretiza o acesso e/ou a partilha do rendimento? - Quem é o proprietário da exploração? - Qual o valor do trabalho realizado por elas próprias e pelos outros? 	<p>20</p>
<p>Conhecer o envolvimento e participação social destas mulheres</p>	<p>Questão a colocar: “Deixando um pouco de parte o vosso trabalho na agricultura, gostaríamos agora que nos falassem um pouco sobre outro tipo de atividades nas quais participam na vossa comunidade/freguesia.”</p> <p>Pistas para a informação a procurar</p> <ul style="list-style-type: none"> - Em que tipo de atividades participam? – Associações culturais e recreativas, grupos religiosos, cooperativas, assembleias de freguesias, comissões de festas ou organização de eventos, entre outros. - Quais as razões para participarem nessas atividades? – Questão de mercado, crença, partilha, ideologia, tradição familiar, entre outros. - Caso não participe em nenhuma atividade extratrabalho, quais são as razões para que tal aconteça? – Falta de tempo, de recursos, de interesse, de convite ou inexistência de grupos/associações onde possa exercer essa atividade. - Quais as principais mudanças sentidas ao longo do tempo no que respeita à participação nestes grupos? 	<p>20</p>
<p>Perceber de que forma a agricultura entrou nas vidas destas mulheres e quais os seus projetos futuros</p>	<p>Questão a colocar: “Tendo em conta a vossa experiência como agricultoras, pedimos que partilhem connosco a primeira memória que têm de contato com a agricultura. Se preferirem, podem também contar a memória que vos traz mais felicidade recordar. Além de todas as experiências pelas quais passaram, qual é o projeto que ainda gostariam de poder concretizar?”</p>	<p>20</p>

Identificação dos principais problemas e de necessidades de formação/apoio	<p>Questão a colocar: “Tendo em vista a possibilidade de construir o projeto que referiram, pedimos que nos ajudem a perceber que tipo(s) de formação acham que é necessária. O que acham que vos impede, neste momento, de concretizarem o vosso projeto de sonho?”</p> <p>Pistas para a informação a procurar</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fazer uma lista das lacunas de formação/oportunidade referidas - Completar a partir da lista de dificuldades vindas das questões anteriores e das sugestões da equipa - Definir um máximo de 8 atividades que expressem a realidade do grupo <p>Votação nas três propostas mais importantes, por ordem de importância, através de post-it</p>	20
Encerramento	O facilitador faz uma breve síntese acerca das principais conclusões do encontro, com confirmação dos participantes. Prestação de esclarecimentos de eventuais dúvidas e agradecimentos finais. Recolha dos consentimentos informados	10
	Tempo total	130

2.3 Amostra final e caracterização sociodemográfica

Os representantes das câmaras municipais dos concelhos de atuação (Sabugal e S. Pedro do Sul) elaboraram uma lista de potenciais participantes constituída por mulheres agricultoras destas regiões (público-alvo do projeto). Os critérios de seleção das participantes foram a atividade profissional (agricultura ou pecuária), o sexo (feminino) e a familiaridade com os assuntos em análise com o objetivo de fomentar um ambiente confortável, onde todas as participantes pudessem partilhar experiências sobre as temáticas abordadas. Participaram nos dois grupos focais 14 agricultoras (6 no Sabugal e 8 em S. Pedro do Sul). O número de participantes encontra-se em conformidade com o que a literatura sugere (Gondim, 2003).

A constituição dos grupos revelou-se tendencialmente uniforme em termos de escolaridade, idade e estado civil: com uma média etária de 50,5 anos, a maioria (n=7) detentora do ensino secundário e casadas ou em união de facto (n=12). Por outro lado, a amostra possui uma diversidade positiva relativamente às freguesias de residência das participantes (no Sabugal, todas pertencem a diferentes freguesias e, em S. Pedro do Sul, as 8 participantes são provenientes de 6 freguesias diferentes).

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica das participantes

		N
Participantes		16
Freguesias de residência		
Sabugal (n=6)	Soito	1
	Batoquinhas	1
	Batocas	1
	Baraçal	1
	Aldeia de Sto António	1
	Sabugal	1
S. Pedro do Sul (n=8)	S. Pedro do Sul	2
	Vila Maior	2
	Valadares	1
	Serrazes	1
	Sul	1
	Covas do Monte	1
Idade	25 a 35 anos	3
	36 a 45 anos	3
	46 a 55 anos	1
	56 a 65 anos	5
	Mais de 65 anos	2
	Média etária	50,5
Nível de escolaridade	1º ciclo	3
	2º ciclo	1
	3º ciclo	2
	Ensino secundário	7
	Ensino Superior	1
Estado civil	Solteira	1
	Casada ou união de facto	12
	Divorciada	1

3. Análise dos resultados

3.1 Da transcrição à análise de dados

As filmagens dos grupos focais foram submetidas a uma transcrição dos discursos das entrevistadas, que se pautou pela captação dos elementos considerados mais relevantes para os objetivos da aplicação da técnica. Assim, optou-se por transcrever apenas os momentos fulcrais para a análise de dados a ser realizada posteriormente, de modo a evitar um *corpus* excessivo. A transcrição dos grupos focais foi realizada com duas grandes dificuldades: a sobreposição de discursos e a dificuldade em perceber determinadas falas, que foi causada pela distância do gravador de vídeo em relação às entrevistadas. Este momento de tratamento dos dados qualitativos recolhidos, consiste na primeira etapa da análise de conteúdo (Guerra, 2006).

Como várias autoras indicam (Bardin, 2002; Guerra, 2006; Roque Dantas, 2016) existem diversas formas de realizar análise de conteúdo. Para a tarefa de tratamento dos dados qualitativos recolhidos, foi utilizada uma abordagem de análise de conteúdo categorial, que condensou métodos quantitativos e qualitativos de análise. A categorização permitiu a redução da complexidade do material e a identificação dos principais assuntos abordados (Roque Dantas, 2016), assim permitiu o seu tratamento, cujo resultado é essencialmente descritivo (Guerra, 2006).

A definição das categorias foi feita a partir das temáticas contidas no guião, bem como das valências do material teórico reunido no estudo inicial, e nos temas que sobressaíram aquando da leitura flutuante do material.

As temáticas passaram a ser nomeadas enquanto dimensões de análise, da seguinte forma: a) perceções sobre a agricultura; b) relação com a agricultura; c) divisão sexual do trabalho; d) participação social; e) perceções e partilhas sobre ser mulher agrícola; f) identificação de dificuldades e necessidades. Para cada dimensão de análise, foram construídas categorias, por via do método de análise categórica e, posteriormente, de acordo com o material encontrado, subcategorias para cada categoria.

Os discursos foram recolhidos a partir de uma segunda leitura ao material, pela organização por categoria; a respetiva subcategoria foi criada com base no conteúdo de cada discurso. A organização do material foi feita através de uma grelha em Excel. Para cada subcategoria, foram contabilizadas as suas ocorrências. Tal quantificação permitiu uma visão sob a frequência de enunciação de determinada temática e na ausência de certos tópicos, que eram expectáveis de referência. Uma análise mais qualitativa ao material permitiu identificar dinâmicas, mas, também, valores, significados e perceções sociais face a certo facto.

A condensação de formas quantitativas e qualitativas de análise de conteúdo, seguindo os seus princípios, tal como enunciam Quivy e Campenhoudt (2003, p. 227), permitiu detetar possíveis temáticas, cujo estudo deveria ser aprofundado mediante a aplicação de outros instrumentos e técnicas de investigação, como, também, ofereceu contributos para possíveis caminhos de intervenção a seguir.

Nos pontos que se seguem iremos apresentar uma análise descritiva do material qualitativo organizado por dimensões de análise e as suas respetivas categorias temáticas e subcategorias encontradas.

Convém frisar que, para manter o anonimato das participantes, estas serão identificadas por Participante nº ('Px'). Assim, as participantes de 1 a 6 são a amostra do grupo focal realizado no Sabugal. As restantes (7 a 14) são as participantes do grupo focal de São Pedro do Sul. A ordem atribuída a cada participante corresponde à ordem de entrada dos seus respetivos dados sociodemográficos, recolhidos previamente à realização dos grupos focais, na grelha criada para o efeito.

3.2 Perceções sobre a agricultura

A. Transformações na agricultura

Em relação à categoria *Transformações na agricultura*, os discursos salientaram quatro subcategorias: a empresalização, a mecanização, os preços competitivos e as mudanças nas dinâmicas comunitárias e na economia popular agrícola.

No que diz respeito à empresalização, enquanto uma das transformações identificadas no sector agrícola, este tema foi mencionado duas vezes. Estes discursos salientam a burocratização da atividade agrícola e as grandes mudanças, em termos de venda e comercialização, em relação à prática agrícola nas gerações anteriores:

“A agricultura de hoje não se compara com a de antigamente. No tempo dos nossos pais era uma agricultura de subsistência, hoje é empresarial. É uma empresa montada e burocracia há muita pelo caminho. (...) Exige demasiada documentação e papelada (...)” (P1)

“Nós agora não somos uns agricultores, somos uma empresa. Temos contabilidade, temos que fazer faturas, trabalhamos como uma empresa normal” (P4).

Já em relação à mecanização, esta subcategoria foi mencionada quatro vezes, os discursos salientam a facilidade e a economização de tempo na realização de determinadas tarefas. Também melhorias na qualidade de vida foram referidas, uma vez que o uso de máquinas trouxe consigo a diminuição de tarefas com grande exigência física.

“Mudou completamente, não é. (...) veio o nível dos tratores, das máquinas, que antigamente era com a charrua, as vacas a lavrar a terra. (...) Há máquinas para tudo, hoje, praticamente” (P10)

“Carregava-se outra vez com o forcado para o carro das vacas. Do carro das vacas, punha-se aos montes nas terras (...) Agora, na minha terra, é tudo com trator. O trator tem umas ganchas, levam o esterco e espalham e lavram (...)” (P8)

“(...) [as máquinas] trouxe-nos alguma qualidade de vida!” (P12)

“Antigamente, era preciso quase três dias para a lavrar, com ajuda das vacas, para a lavrar. Fazia-se por etapas.” (P10).

A menção da competitividade de preços, como transformação no sector, foi alvo de apenas uma menção:

No tempo dos meus pais, se o meu pai produzia batatas e tinha-as sempre vendidas. Se produzia centeio, tinha a EPAC, que estava sempre o preço assegurado (...). Hoje se quiséssemos produzir batatas, não há ninguém que procure uma batata, um quilo de milho (...). (P6)

Já as alterações sentidas em termos de tarefas agrícolas comunitárias e modos de economia popular é uma subcategoria com nove ocorrências no material analisado. Resumindo, estes discursos mencionam o progressivo abandono da atividade agrícola e de atividades comunitárias e formas de convívio familiar que se perderam ou substituíram por outras dinâmicas sociais:

“(...) antigamente era agricultura familiar, eram os tios, os vizinhos que se ajudavam. Hoje, nem podemos contratar um amigo ou familiar, porque se houver um problema na exploração tudo o que ganhamos na nossa exploração não dá para pagar [as despesas].” (P1)

“Era o convívio de antigamente e agora não o há.” (P5)

“Os meus pais tiveram uma grande agricultura e era familiar; era toda a gente a ajudar e reunidos... para tudo! Para o feno, para as batatas, para desgranizar (...).” (P1)

“Então não era? Era muito bonito, era, sim, senhor. Agora chegam a casa é televisão ou telemóveis (...) nem há avós, nem há netos, não há conversas familiares, não há nada. É verdade ou mentira aquilo que estou a dizer?” (P8).

Por outro lado, caracterizam esse outrora como mais alegre:

“Era, era... (...) uma alegria, era uma alegria que ali tínhamos. Nunca mais fizemos isso!” (P4)

“Era, era. Era um tempo mais alegre que agora. A gente cortava a erva, fazia os molhitos e metia aquilo cá fora para fazer aquelas bonecas. E depois a gente cantava, dançava, era uma alegria. Era mais alegre que agora.” (P9).

B. Perceções sobre a agricultura enquanto profissão

Em relação a esta categoria, os discursos salientaram a ideia da agricultura enquanto uma atividade oposta ao seguimento ou realização dos estudos, com esta perceção mencionada três vezes:

“Muitos dizem “por que é que quiseste essa vida?”, porque muitos estudaram e só eu é que fiquei na agricultura!” (P5)

“Andava a estudar e, quando eu chegava a casa dos estudos, tinha lá um papelinho que dizia para eu ir com as vacas para aqui ou para ali... e levava os livros. Era obrigada, porque eu não ficava em casa a estudar, não havia tempo para ficar em casa a estudar... “pegas nos livros, guardas as vacas e vais e estudas se queres”.” (P6).

Por outro lado, apenas um discurso refere o orgulho sentido pela profissão de agricultora:

“(...) E, depois, por fim, eu própria digo que tenho muito orgulho em ser agricultora e tenho mesmo muito orgulho em ser agricultora, pastora, o que quiserem... não tenho vergonha nenhuma de chegar a algum sítio e perguntam “então o que faz a senhora?” e eu respondo que sou agricultora! (...) Mas sempre tive orgulho em ser agricultora!” (P4).

C. Estereótipos

No que à menção de estereótipos diz respeito, esta categoria deu origem a quatro subcategorias, todas elas sobre diferentes formas de estereótipos: estereótipos de gênero, sobre os agricultores, em relação à idade e sobre a percepção que as participantes têm em relação às pessoas dos meios urbanos.

Em relação aos estereótipos sobre gênero, esta subcategoria possui uma ocorrência:

“Mesmo que vá a mulher ou vá o homem, às vezes até vão mais os homens porquê? Olha, porque depois juntam-se lá nos copos, juntam-se assim... e a mulher não! A mulher está ali é a controlar e a apontar... não nos copos, não é? Normalmente vai o homem? Sim. Normalmente neste caso até vai a mulher e o homem. A mulher está [simula o gesto de escrever] e o homem [simula o gesto de beber].” (P4).

Os estereótipos face aos agricultores foram alvo de duas menções, ambos os discursos referem preconceito e desvalorização de outrem face à profissão de agricultor:

“Porque as pessoas às vezes chateiam-se todas, porque os agricultores só ganham subsídios, subsídios... mas às vezes esquecem-se de um pormenor: esse subsídio que nos dão a nós também é bom para eles, porque se nós não o recebêssemos não podíamos vender os bezerros a 500, nem a 600... tinha que ser a 1000 e depois a costeletazinha no talho não era a 10, era a 20! Só que as pessoas acham que o subsídio é só bom para nós, mas é para todos!” (P4)

“Eu vou contar e não gosto de dizer isto em lado nenhum, vocês não digam que eu disse isto [RISOS]. Quando eu vim para a Câmara foi uma coisa que eu não gostei em certos funcionários, “ah vêm aí os das botas de borracha”: a mim isso magoava-me muito, mas magoava-me mesmo no coração! E penso que em certos serviços os agricultores ainda são olhados assim, é verdade eu sinto isso às vezes na pele! Dá a ideia de que não são pessoas de entender as coisas, mas que se lhes for explicado entendem tudo! Agora é triste às vezes as pessoas pensarem assim (...).” (P6).

Os estereótipos em relação à idade foram mencionados três vezes, sendo na sua totalidade preconceitos das participantes face à sua faixa etária ou a outras faixas etárias:

“E eu acho que não há muita gente da minha idade que se queira fixar e que queira dar continuidade à agricultura... a não ser que por heranças ou uma empresa que venha atrás ou alguma coisa para dar continuidade, mas não exercer! Só a gerir! Porque pessoas da minha idade que estejam a fazer e a ter as mãos na massa acho que não há muitas pessoas.” (P3)

“Não, é uma atividade baixa e suja... Quem é que se quer na agricultura? Isso só os velhotes que nunca aprenderam mais nada [sarcasmo].” (P1).

Por fim, em relação às perceções das participantes em relação aos habitantes de meios urbanos, estas foram alvo de duas menções. Ambos os discursos indicam uma visão negativa face às ‘pessoas da cidade’, apesar de reconhecerem que algumas valorizam o produto do trabalho agrícola:

“Mas às vezes valorizam (os outros) e eu vou-vos explicar como! Quando vêm buscar as saquinhas das caganitas para levarem lá sei para onde, quando vêm buscar o queijo, a batata, o feijão... que era o que acontecia à minha mãe, vinham lá aqueles santos Antónios todos aqui para a parvalheira e depois “ah o teu feijão é tão bom, aí o teu vinho é tão bom!”. Mas isto é real, eles vinham de Lisboa e chupavam os nossos velhos!” (P1)

“Querem é rebaixar!” (P6).

3.3 Relação com a agricultura

A. Relação com a agricultura e perspetiva sobre a vida de agricultora (aspetos positivos e negativos)

Em relação à categoria *Relação com a agricultura e perspetiva sobre a vida de agricultora*, foram encontradas 11 subcategorias, todas elas incidentes quer sobre o papel da agricultura na vida das participantes, como sobre as trajetórias de vida dentro do sector. Também foram salientadas as suas perceções sobre a atividade e dos seus

produtos. Por fim, ainda se abordou o tipo de atividade, embora esta temática seja, igualmente, abordada na categoria Gestão da terra e propriedade.

Em relação à primeira subcategoria, os dados revelaram uma dificuldade de comercialização, por parte das participantes, dos seus produtos. Apesar de apenas haver dois discursos relativos a esta questão, estes indicam uma dificuldade sentida na profissão das participantes, em especial, numa incerteza face aos seus ganhos. Estas questões são tidas em conta no desenho da intervenção.

“Muitas vezes, não temos saída para o produto... é [um problema]. Na criação dos vitelos, há alturas em que não há saída para os vitelos.” (P5)

“Nunca temos preço certo para os animais, nunca temos saída certa para os animais (...).” (P4).

Estas incertezas e dificuldades em termos de escoamento da produção, é ainda mais aprofundada em outros discursos. Deste modo, foi criada a subcategoria Risco/incerteza económica, contando com três ocorrências. Estes discursos salientam o papel de fatores externos à atividade no condicionamento de bem estar económico das participantes:

“(...) é uma profissão de alto risco económico. Está sempre sujeito a muita coisa: é ao clima, quando é as vacas paridas vem o vitelo bem ou não vem. É sempre uma vida em sobressalto (...) o rendimento no final do ano depende destes fatores todos. É sempre uma vida de muita incerteza e é preciso ter muita coragem para ser agricultor, e mais uma mulher.” (P6)

“(...) nunca sabemos se vamos colher palha suficiente (...) É sempre incerto! Qualquer trabalho é sempre incerto... avaria uma máquina, rebenta um tubo.” (P4)

“Só temos dinheiro quando vendemos uns bezerros e só temos dinheiro quando recebemos o subsídio (...).” (P4).

Apesar de apenas ser menção de uma única participante, a roupa de trabalho é indicada enquanto um fator negativo na atividade agrícola:

“Um fator negativo é nas condições como vamos para o terreno (...). É com uma roupa de serviço, de galochas (...).” (P1).

Por outro, a independência é uma questão mencionada, ainda que apenas com uma ocorrência:

“A mim dá-me o prazer de ser agricultora, porque faço o que quero e bem me apetece [RISOS]. Tenho o prazer de ver um bezerrinho a nascer, tenho o prazer de o ver a ser criado, a ver a reação dele a chupar-me nos dedos, aqueles mimos que os próprios animais nos dão. Eu posso ter 4 ou 5 cães, levanto-me de manhã e tenho-os lá à porta todos contentes felizes da vida que é logo um prazer que eu tenho. Não preciso de me levantar a correr e o despertador pipipipi porque eu tenho que ir a correr não sei para onde e depois outra vez... é um prazer que a gente tem de não andar a correr! É verdade que tenho as minhas obrigações como toda a gente tem e se eu não fizer o trabalho, o trabalho não aparece feito, não é? Temos que o fazer! Mas fazemos sem ninguém andar atrás de nós, sem ninguém (e ainda pior) a fazer pouco de nós... porque a gente faz o trabalhinho... pomos o feno, pomos o fardo ali, pomos o fardo além, onde nós achamos melhor! E não vem de lá um patrão “isto é que se faz?”, nada! Nós é que decidimos a nossa vida!” (P4).

Tal independência permite uma certa liberdade na atividade, além de a dotar de um certo prazer e entusiasmo.

Ainda na senda do prazer e entusiasmo, dois discursos referem o orgulho que as participantes sentem no seu produto, especialmente a partir do reconhecimento e opiniões de outrem sobre estes:

“Eu tenho amigos de todo o lado e quando vêm aqui dizem que esta carne é espetacular e por algum motivo é...” (P3)

“(...) quando convido malta para ir comer e dizem que a carne é maravilhosa.” (P5).

Houve também alusão ao facto da vida pessoal de algumas participantes ser feita à volta do trabalho agrícola. Sendo mencionado cinco vezes:

“Eu, às 7 da manhã, todos os dias estou levantada! Às vezes é meia-noite ou 1 da manhã e tenho uma vaca para parir e estou lá no terreno a acompanhá-la... e às vezes é ou daqui 1h ou 2h.” (P3)

“Eu sinto! A minha exploração é a 5 km do Soito, onde eu resido, e está uma vaca para parir e o meu marido é assim mais “deixa lá, há de correr bem”, mas eu digo assim “temos que ir vigiar!” e ele não... E eu agarro no carro e vou lá ver! Quantas vezes? Às vezes é meia-noite, ou uma da manhã! Tanta vez!” (P1)

“E como agricultoras também gerimos o nosso tempo, o nosso trabalho e temos também tempo para outras ocupações. (...) A gestão do tempo é positivo. E dificuldade é que nunca podemos agendar férias, quando estamos para sair pode haver uma grande surpresa na exploração e fica tudo por aí. É positivo e negativo, está sempre a balançar. (...) Dificuldades é os horários, com o tempo e problemas que surjam na exploração, (...) nunca os dias são iguais, todos os dias são diferentes. (...)” (P1)

“É verdade não temos férias, não temos sábados, não temos domingos, temos de trabalhar de noite, temos de trabalhar de dia... se elas se lembrarem de parir nos temos que ir, elas é que mandam, tudo bem não digo que não... mas também não é todos os dias! Em relação ao domingo, claro é chato!” (P4)

“Então, o que é que eu digo... Que é uma vida (...) de muito trabalho” (P10).

Estes discursos indicam trajetórias na atividade de grande trabalho e dedicação à produção. Resultado disso são rotinas de trabalho que ocupam um dia inteiro, com incerteza em relação a horas extras (claro, e como indicado em alguns dos discursos supracitados, dependendo das alturas). Também alguns momentos de descanso pessoal são secundarizados em relação à atividade.

A próxima subcategoria identificada nas participações diz respeito à percepção das participantes que o gosto e o prazer na profissão são ferramentas chave para o sucesso. Esta ideia é salientada em três discursos:

“Quem vá para esta atividade [que vá] com prazer e com gosto (...) que é uma força muito grande (...) em todos os problemas que surgem. Se não for com vontade própria, não conseguem.” (P1)

“Quem leva as explorações para a frente sim, é por gosto e por prazer e porque gosta dos animais (...). Agora há aqueles que vão para lá porquê, mas ao fim de um ano ou dois desistem. (...)” (P4)

“Qualquer profissão, se não for com gosto, não se consegue. Agora esta é uma profissão muito exigente.” (P5).

Esta dedicação é percebida enquanto o combustível para que se aguentem rotinas de trabalho longas, tal como as supramencionadas. Como igualmente na resiliência face a problemas e dificuldades e a sua ultrapassagem. Estas disposições subjetivas materializadas no prazer e no gosto pela atividade são também conduzidas para os produtos da sua produção, como já foi abordado.

As próximas duas subcategorias encontradas nos discursos indicam os primórdios e os contextos por detrás da entrada das participantes na agricultura. A primeira diz respeito a discursos e, conseqüentemente, a trajetórias de entrada na agricultura por influência familiar. Esta passagem familiar da atividade surge em três discursos:

“P9: Eu também sempre trabalhei na agricultura, desde nova, fazia um bocadinho de tudo...”

P9: Sim, eram agricultores e eu (...) também cá fiquei, também agricultora (...).” (P9)

“Sim, eu também nasci lá, nasci em Covas do Monte e os meus pais também já tinham (...) tinham e têm, também, animais. E é assim, foi através deles que eu aprendi.” (P11)

“Eu sempre trabalhei na agricultura, desde (...) posso dizer quase que nasci, não mas quase. Era a vida dos meus pais, e assim continuo, foi sempre a minha vida, trabalhar na agricultura.” (P8).

Outro discurso refere a entrada e permanência na atividade agrícola a partir do casamento:

“Eu não, eu andava a estudar e continuaria era um curso superior só que como casei e fiquei com aquela exploração grande... e disseram “e vocês que continuem e fiquem com isto” e aí comecei a encaminhar por essa área.” (P1).

Outra subcategoria foi originada por dois discursos que sugerem a entrada na agricultura enquanto opção pessoal, quer seja por livre-arbítrio, quer seja uma opção tomada tendo em conta necessidades pessoais:

“Então é assim, eu não sou agricultora, agricultora, e mesmo os meus pais também não, portanto isto surge um bocadinho na ideia de eu vir e aprender alguma coisa. Eu sou daqui de São Pedro, o meu marido trabalha aqui em [IMPERCEPTÍVEL] e (...) então, na altura [IMPERCEPTÍVEL] o que é que vamos fazer, e é interessante, e vamos ver, vamos explorar e comecei, cada um nas pesquisas e então decidimos avançar a fazer (...) agora é um projeto, nós temos um pequeno terreno que estavam [IMPERCEPTÍVEL], entregues a si próprios (...) pronto, e decidimos então fazer um projeto, (...) e avançámos, o projeto foi aprovado (...).” (P12)

“Eu tomei esta opção de vida também por causa dos meus três filhos, porque eu quando vim aqui para a aldeia, eu não tenho cá ninguém, não moram cá os meus pais, os meus sogros, ninguém. (...) Eu não tenho, então esta opção de vida foi feita pelos meus filhos (...).” (P7).

B. Posse da terra

Em relação à categoria *Posse da terra*, foi explorado tanto a forma de aquisição, como quem detinha a posse, propriamente dita, dos terrenos e das explorações agrícolas. Assim, três discursos salientam a aquisição da terra a partir da compra dos terrenos, seis por via da herança familiar (própria ou do marido). E, por fim, um discurso menciona arrendamento de terrenos a familiares.

Em termos de propriedade legal dos terrenos, uma participante refere partilhar a posse do terreno com o marido, outras nove referem que os terrenos estão em seus nomes.

C. Gestão da terra e propriedade

Em relação à categoria *Gestão da terra e propriedade*, por via desta foi-se explorando a finalidade da exploração e produção das participantes, no sentido de perceber se se estaria perante formas de produção para a subsistência ou para a comercialização.

Os discursos encontrados para esta categoria deram origem a seis subcategorias. A primeira diz respeito a situações onde existe uma comercialização em larga escala,

com três ocorrências. Outra aborda uma situação de prática agrícola, cujo produto se destina unicamente à alimentação dos animais (uma ocorrência). Por outro lado, uma participante refere produzir apenas para autoconsumo (uma ocorrência).

Oito das participantes referem vender os seus produtos no mercado. Duas referem situações de práticas de economia familiar e comunitária:

“A gente fez um projeto. O que é que eu faço, podo, adubo e rego, e apanho, mais nada. E a apanha também é tudo familiar. Não boto pessoas para nada, ao fim do dia a pessoa chega, a canalha toda, anda lá tudo.” (P7)

“É (...) um rebanho comunitário, mas o rebanho comunitário é só na vigia, porque cada um tem as suas, é só comunitário porque (...) cada um (...), os dias correm a vez às pessoas que (...) imagine, eu vou dois dias, a seguir já vai o meu vizinho outros dois dias, que guarda o rebanho todo, com [IMPERCEPTÍVEL] mas cada um tem as suas. Há cerca de mil agora, também temos vacas (...) ovelhas (...).” (P11).

Por fim, uma das participantes afirma ser proprietária de um negócio local.

3.4 Divisão sexual do trabalho

A. Trabalho doméstico

No que refere à divisão sexual do trabalho doméstico, é de salientar que esta categoria e as suas respetivas subcategorias tiveram uma fraca alusão em ambos os grupos focais. Isto deve-se à falta de conforto para falar de questões relacionadas à esfera privada e da intimidade em grupo. Assim, e face a esta fraca alusão, é clara a necessidade de abordar estas questões mediante o uso de outras técnicas de investigação. Todavia, e dado os objetivos primordiais do projeto MAIs, convém mencionarmos os resultados para esta categoria. Não obstante o claro reconhecimento da sua superficialidade e necessidade de aprofundamento.

Uma das participantes refere que o seu marido não participa na realização das atividades domésticas:

“Moderadora: E em casa?”

P7: A parte dele.

Moderadora: Qual é a parte dele?(...)

P7: Não há nenhuma. Chega do trabalho e senta-se no sofá, está o jantar feito, vai para a mesa, volta para o sofá e vai para a cama.” (P7).

Outras duas participantes referem que os seus respetivos maridos participam na realização de tarefas domésticas e uma divisão igualitária destas, bem como nas tarefas relacionados com filhos:

“(...) eu tenho o melhor marido do mundo, porque coitado às vezes digo-lhe assim “olha vou-me embora e só volto amanhã”, portanto tens aí... neste caso só tinha um, agora tenho dois, tens [filha do casal], orienta-te. Se quiseres comer vai ali à minha mãe, se quiseres faz o jantar... (...) ainda onde estão as minhas calças?” “olha não sei, se quiseres empresto-te umas minhas, vai lá ver”. Porquê? Porque quer um, quer outro acaba por ter uma vida... e nesse aspeto eu confesso, que o meu marido é um santo. (...)

(...) agora quando eu saio de manhã, às vezes antes dele ou sai ele depois, porque... lá em casa, lá em casa e em 90 por cento das casas mais da minha geração, acho que tem de ser assim, em que nós funcionamos por semanas, esta semana entras às nove, então és tu que levas os miúdos e depois eu venho mais cedo e vou busca-los, para a semana tu entras às oito então sou eu que vou mais tarde, então levo os miúdos à escola e depois venho mais tarde e tu saís às cinco e pouco (...).” (P12)

“(...) lá em casa.... Varia de casa para casa, mas o meu marido também faz as coisas como eu.” (P11).

Uma das participantes recusa-se falar sobre o seu caso (e outros) neste tópico, com um discurso que remete esta temática como uma coisa que deve ser mantida no privado e não algo a ser falado em público:

“Quem está dentro do convento é que sabe o que é que lá vai dentro. (...) (P8)

“Se as paredes falassem.” (P8).

No entanto, esta mesma participante reconhece que houve mudanças, com o passar dos anos, na divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres:

“Eram outros tempos. Agora tanto faz a mulher, como faz o homem, como faz a mulher, o marido até cozinha, como lava a louça [IMPERCEPTÍVEL]. Os homens antigamente não era assim, a mulher era a mulher e fazia a vida de casa e o marido ganhava o dinheiro e vinha para casa.” (P8).

Por outro lado, outra participante tem a opinião que deve existir uma partilha de tarefas entre homens e mulheres:

“...o marido chegava a lá a casa e ia logo para o sofá. Havia de ser meu marido, quer dizer ia ser meu marido por pouco tempo, porque a casa é minha, mas também é dele, os filhos são meus, mas também são dele. (...) eu uso roupa, mas ele também usa (...) eu trabalho e ele também trabalha (...).” (P12).

B. Trabalho agrícola

Inversamente, quando se falou da divisão sexual, papéis de género, e, conseqüente igualdade de género no trabalho agrícola, já se encontra uma maior alusão e abrangência nos temas levantados. Quer sejam estas opiniões e percepções das participantes sobre este tópico, quer seja sobre a sua experiência e trabalho com os companheiros nos terrenos.

Em oito discursos é salientada uma ideia, inicial, de que não existe uma desigualdade, nem diferença, entre homens e mulheres:

“Eu penso seja mulher, seja homem, cada um só faz o que quer. (...) Se tiveres na ideia eu tenho que fazer isto, faço! (...) [Lidar com gado] fazemos tudo igual, as mulheres ainda lidam melhor com os animais. [Na questão de força] É igual, é só puxar por ela. (...) Eu posso-me pôr ao pé do homem que você quiser, não tenho medo nenhum. (...) Eu levanto as pedras como o meu marido. (...) Eu ao pé de um homem não tenho medo nenhum, para o serviço que quiser.” (P4)

“Eu faço tudo como um homem. Na questão do meu marido não, porque se ele faz eu também faço. [Sobre se está em pé de igualdade] Eu com ele sim.” (P5)

“Não há diferenças. As diferenças podem ser na questão da força, mas isso não é relevante.” (P2)

“Exatamente. A plantar. A única coisa que o meu marido não faz é moldar. Mas mais depressa faz tudo, ele descasca, ele rega (...).” (P10).

Ainda assim, apesar destes discursos que salientam uma equidade entre homens e mulheres, em seis discursos são declaradas diferenças de género:

“Mas de um modo geral! De um modo geral acho que não. (que não vão sempre as mulheres) As mulheres valentes, valentes... agricultores valentes acho que não há muitos.” (P1)

“Nós temos um parque de leilões (...) e se formos ver na apresentação do gado a maior parte são homens. (...) Mas mesmo hoje no leilão é raro uma mulher ir na apresentação do gado mesmo sendo ela a agricultora... vai uma ou outra. Eu se calhar até podia enumerar meia dúzia delas... mais nada.” (P6)

“Porque se calhar se fosse agora e ele estivesse dentro da agricultura claro que mandava ele, não ia eu a dizer “olha vais a deitar tantos adubos além e tanta semente ali... claro que não, não é? Em questão de vender o gado é precisamente igual... se eu estou a vendê-lo eu, sempre fiz eu, continuo eu. Agora claro, os homens... são os 2 agricultores, vai o homem.” (P4)

“Conversamos os dois. [Sobre quem toma mais a decisão] É ele. Ele está mais no assunto do que eu [sobre a decisão económica], eu é só tratar...” (P5).

Estes discursos salientam diferenças entre homens e mulheres com base em imaginários sociais e estereótipos, por outro lado também indicam uma desigualdade de género em algumas esferas de tomada de decisão, nomeadamente em contexto de leilão e de decisões, sobre a atividade agrícola, entre o casal.

Partindo da experiência de quatro participantes, torna-se claro que no seu caso, as decisões são tomadas por si. Ou seja, nos seus contextos enquanto mulheres agricultoras, as decisões são tomadas unicamente por estas mulheres. Esta ideia da mulher enquanto principal responsável pela tomada de decisões na exploração agrícola é referida em cinco discursos.

“Eu é que faço o negócio, eu é que decido, apesar de falarmos entre os dois, atenção! A gente fala entre os dois, mas eu é que digo... mas isto já vem desde o princípio!” (P4)

“(...) eu continuei com a exploração do meu pai e nós... eu basicamente é só mulheres, sou eu e a minha mãe (...) tenho uma pessoa comigo (marido/namorado), mas só que ele mais noutra vertente. Eu é mais com bovinos e ovinos (...) então eu é que decido, eu é que trato, eu é que faço o negócio, apesar de pedir opinião (...) peço opinião, mas quem dá a última palavra sou eu sempre. (...) Nem me sinto à vontade que outra pessoa trate. (...) Agora a última palavra sim, é minha sempre.” (P3)

“Por acaso sou eu que giro a exploração... o pouco que é [RISOS] também não abduco dele.” (P6)

“E gosto imenso e tenho às vezes grandes discussões com o meu marido porque estamos na agricultura já por minha vontade (...) Ele também colabora imenso, mas eu é que tomo as decisões.” (P1).

Faz sentido encontrarmos este tipo de independência em processos de tomada de decisão, uma vez que alguns dos discursos já abordados salientaram a autonomia que a profissão de agricultura conferia a determinadas participantes.

Emergiu em dois discursos analisados a ideia de que existem áreas nas quais as mulheres se saem melhor que os homens e, também, qualidades inerentes à mulher:

“(...) as mulheres ainda lidam melhor com os animais.” (P4)

“Os homens de uma maneira gera não têm capacidade que as mulheres têm de fazer vários trabalhos ao mesmo tempo... nós fazemos a vida de casa, nós ainda cuidamos disto e daquilo, mas eles não! Eles fazem aquilo e... uma coisa de cada vez (...).” (P14).

Agora no que à divisão de tarefas, entre homens e mulheres, na atividade agrícola desempenhada por estas mulheres (em conjunto com os seus maridos) diz respeito, surge em três discursos o testemunho que esta é realizada de forma igualitária. Ainda que existam, efetivamente, tarefas que são de cada um:

“(...) eu e o [companheiro] temos outras profissões e outras coisas mais, portanto às vezes a gestão do tempo também não é muito fácil (...) mas ora um dia vou eu, outro vai ele, ora vou lá eu (...).” (P12)

“O meu marido trabalha (...) com as árvores, e eu com a agricultura” (P8)

“[a falar do marido] Sim, trabalha, sim também, faz a... faz com o trator, lavra, fresa, quando é nas batatas têm lá que andar a semear as batatas, pronto, a ajudar (...) também lá tem que ir.” (P9).

Estes discursos abordados indicam, igualmente, que as participantes em questão trabalham com os maridos, o que as afasta de situações em que a mulher é a única componente do casal que realiza as tarefas agrícolas, como salientam os dois discursos que se seguem:

“está uma vaca para parir e o meu marido é assim mais “deixa lá, há de correr bem”, mas eu digo assim “temos que ir vigiar!” e ele não... E eu agarro no carro e vou lá ver! Quantas vezes? Às vezes é meia-noite, ou uma da manhã! Tanta vez!” (P1)

“(...) eu faço tudo sozinha, tudo desde escarificar a jardinar. Desde tudo, porque não posso estar à espera do meu marido, não é.” (P7).

Estes discursos sugerem situações de clara divisão do trabalho entre os membros destes casais, em que a mulher toma iniciativa nas tarefas mencionadas e parece não receber auxílio do companheiro.

Nesta linha de pensamento de divisão do trabalho agrícola, os discursos salientam também uma divisão que parece ser significativa entre trabalho masculino e trabalho feminino dentro da agricultura: o uso de máquinas. Três discursos apontam para a ideia de os homens usarem maioritariamente máquinas, ao passo das mulheres ficam ao encargo de trabalhos manuais:

“Mas eu vejo que é assim, o homem é mais trator e (...) curar e podas (...) E a mulher é que faz o trabalho todo.” (P7)

“(...) essa distinção maior vinha daí. De o homem pegar nos artefactos e nas máquinas e as mulheres trabalharem mais com a mão.” (P12)

“(...) aquilo que a P7 dizia de os homens trabalham mais com as máquinas, e as mulheres não. (...) algumas ainda têm o receio de pegar no trator, ou de pegar na roçadora.” (P12).

São estas mesmas participantes que usam máquinas nas suas atividades:

“(...) eu faço tudo, com o trator.” (P7)

“pego na roçadora, pego num trator, pego no que for preciso. Vamos aprendendo (...).” (P12).

Já outras duas participantes declaram não usar máquinas nas suas atividades:

“(...) na minha vinha faço tudo, tudo, menos pegar no trator.” (P13)

“Moderadora: Então, que a P9 (...) não trabalha com as máquinas?”

P9: Não, pronto não, eu não. Só com a sachola!” (P9).

Tendo em conta as participantes em questão e analisando as suas informações sociodemográficas, há uma clara tendência (nesta amostra), para as mulheres mais jovens utilizarem máquinas na sua profissão, face a mulheres de faixas etárias mais velhas.

Por fim, é salientado o reconhecimento de uma mudança positiva na desigualdade de género dentro da atividade. Este reconhecimento surge quatro vezes nos discursos:

“Se calhar na agricultura biológica, mesmo nas pessoas mais velhas, já há uma maior partilha de tarefas.” (P12)

“Agora estava-me a recordar quando era mais nova, no mercado do gado também eram os homens, mas hoje a vida mudou.” (P6)

“É assim [o facto de as mulheres de imporem perante os homens], nas da minha idade é assim. Agora nas mais velhas se calhar não..., mas as mais novas já somos mais desenrascadas, acho que já... mesmo até umas puxamos pelas outras.” (P4)

“(...) Por norma, agora, já não há tanta diferença (entre homens e mulheres)... as mulheres nós impomo-nos e acabou [RISOS].” (P4).

3.5 Participação social

A. Associativismo e ocupação de espaços de decisão formais

A categoria relativa ao associativismo e ocupação de espaços de decisão formais originou três subcategorias: a participação em formações, a participação em Associações e a participação política. No que concerne à participação em formações apenas três participantes afirmaram que realizaram formações no âmbito da agricultura:

“Vou a formações, tanto na área (agrícola), como noutras” (P3)

“Aprendemos com... ouvindo os outros, não é, e sou sincera, depois algumas formações e também me envolvi em vários grupos (...) também fui a Sever do Vouga e cheguei a fazer algumas formações” (P12)

“Eu já tive formação, aqueles cinco módulos. Depois estagiei quatro meses numas estufas em Tondela. Um estágio prático de quatro meses no biológico.” (P7)

“(...) entretanto fiz um projeto de jovens agricultor quando vim para aqui, aqui para as terras de São Pedro.” (P7).

É de salientar que estas participantes que afirmam ter frequentado formações são das mais jovens de toda a amostra, inscrevendo-se na faixa etária dos 25 aos 40 anos. É possível concluir que existe uma clara diferença entre as entrevistadas mais jovens e as mais velhas no que diz respeito a este tópico. A subcategoria “participação em Associações” regista três ocorrências: sendo duas delas pertencentes a uma das participantes que integra a subcategoria anterior.

“Eu sou presidente de uma associação cultural.” (P12)

“Na altura, inclusive nós criamos aqui uma associação em São Pedro, que era a [IMPERCEPTÍVEL], que, entretanto, já não está a funcionar (...), que era uma associação de produtores de frutos vermelhos” (P12)

“a Associação FRAGAS.” (P14)

A participação política só é referida por uma das participantes:

“(...) também dedico um bocadinho do meu tempo à política (risos)... faço parte da assembleia da nossa aldeia.” (P3).

B. Hobbies e pluriatividade

Relativamente aos hobbies, emergem duas conclusões imediatas: 1) a “Jardinagem e trabalho na horta” são as atividades mais mencionadas quando se questiona que hobbies as agricultoras possuem:

“Nos meus tempos livres passo a vida a compor o meu jardim... gosto muito de fazer o meu jardim lá na quinta. Às vezes o meu marido diz-me assim “não sei como é que não te enfadas”. (...) Mesmo apesar de trabalhar na agricultura ainda tenho o prazer de andar ali no jardim (...) É o quintal, é o jardim, é o meu entretém.” (P4)

“(...) aquilo que gosto de trazer é só plantas (...) nada me chama para mais nada, então plantas sim. (...) Adoro, adoro, adoro plantas!” (P1)

“(...) jardim.” (P2)

“eu adoro andar na terra e na horta.” (P6).

A “existência de pouco tempo livre” é mencionada cinco vezes e, segundo elas, deve-se ao facto de a agricultura e a “vida de casa” ocuparem a maior parte do seu tempo, o que resulta num entrave para a existência de hobbies nas suas vidas:

“Eu não tenho tempos livres, é só tempos obrigatório.” (P2)

“Mas não tenho grande tempo (...) O tempo também é muito pouco...” (P6)

“Em duas palavras diz-se tudo, agricultura e vida de casa.” (P10)

“É vida de casa e a agricultura.” (P9).

Os demais hobbies mencionados são: touradas e encerros (atividade que reúne consenso por todas as entrevistas no sabugal); passar tempo com a família (duas ocorrências); atividades religiosas (duas ocorrências); ler (duas ocorrências); arraiolos e ponto-de-cruz (uma ocorrência); ver televisão (uma ocorrência); fazer todo-o-terreno (uma ocorrência).

3.6 Perceções e partilhas sobre ser mulher agricultora

A. Autoimagem

O vestuário é mencionado várias vezes: As agricultoras relatam e reconhecem que os outros julgam o vestuário agrícola das mulheres agricultoras classificando-o como algo que simboliza “desleixo”, o que acontece principalmente em situações de contacto com o público (mercado) ou em outros contextos de trabalho:

“(...) foi uma coisa que eu não gostei em certos funcionários, “ah vêm aí os das botas de borracha” (P6)

“A gente é que às vezes é o desleixo de andarmos na quinta e de andarmos à vontade e depois vamos com as botas” (P4)

“Antes coitados as pessoas da aldeia, da agricultura, vestiam-se quando conforme... nós agora também temos de nos valorizar a nós mesmas se não... “olha coitada, trabalha na agricultura”, não é?” (P13).

Em consequência disso, vemos enumeradas algumas situações em que as agricultoras se vestem com outra roupa como resposta a esse julgamento e desvalorização:

“Hoje estou aqui assim e estou à rasca dos pés, mas aguento-me!” (P4)

“Mas também quando chego a casa ou quem me conhece... (...) sou prática (...) mas também sei quando me devo... ora, também perante as outras pessoas, também não nos podemos desvalorizar” (P13)

“Eu já tive muitas pessoas que me vão à fruta e eu apresento-me logo e disse “olhe, eu ando assim com esta roupa, porque ando a trabalhar, mas tenho ali a outra para mudar quando vou embora”. (P8).

Duas agricultoras também falaram sobre o facto de serem as únicas no seu ramo de atividade agrícola e reconhecem que os homens com quem trabalham valorizam o seu trabalho e os seus produtos:

“Eu dou o meu exemplo... o meu marido não estava cá (...) fazia os trabalhos mais pesados da vinha, de resto fazia eu, os meus clientes são homens, eu sou a senhora do vinho e todos, todos me valorizam. O meu vinho tem muito boa qualidade... todos a senhora do vinho, a senhora do vinho, quando me telefonava era logo (...).” (P13)

“(...) na minha experiência eu sou a única mulher desde que me meti os mirtilos (...) sou a única mulher no meio de um mundo de homens. São sempre os homens que dão a cara. Acho que eles... muito pelo contrário. Também porque eu tenho esta maneira de ser, de reclamar com as pessoas (...) mas acho que eles reconhecem, que valorizam e procuram... não há ali qualquer descrença de ser homem ou mulher.” (P12).

É importante salientar que, apesar de se sentir valorizada, a P12 afirma que “São sempre os homens que dão a cara”, o que comprova o protagonismo masculino e a sua maior ocupação dos espaços de fala e de tomada de decisão (de acordo com a literatura). A participante acrescenta que esse reconhecimento se pode justificar pela sua maneira de ser “de reclamar com as pessoas”.

B. Dificuldades sentidas enquanto mulheres agricultoras

As entrevistadas relatam a descredibilização por parte dos homens, que surgiu através de comentários como “uma mulher não tem tanta força como um homem”, “não vai conseguir nem aguentar” ou “sozinha não consegue desenvolver a atividade (agrícola) tão bem como um homem”:

“A nível emocional, eu acho também muito importante porque só pelo facto de sermos mulheres, acho que é uma descredibilização do nosso trabalho. Porquê? Ah, é uma mulher, não tem tanta força como um homem... é uma mulher, não vai conseguir fazer. Falo por mim e por experiência própria. Quando eu iniciei diziam que eu não ia aguentar nem ia conseguir, só pelo facto de estar sozinha e de não conseguir desenvolver a atividade. (P3)

Moderadora: E ouvia isso (...) da família, dos amigos?

Em geral e principalmente da pessoa homem, que diz em primeiro lugar tendo em atenção a idade com que eu comecei, o porquê de eu ter pegado na exploração e na atividade agrícola e o facto de ser tão nova, de ser mulher e dizerem que eu não conseguia desenvolver a atividade tão bem como um homem.” (P3).

Mais uma vez, é possível verificar a perceção social da agricultura com uma atividade masculina, o que se reflete no facto de a decisão dos homens ainda ter um maior peso em atividades como o leilão/ venda dos animais:

“Aqui na venda dos animais ainda pesa muito a decisão do homem...” (P6)

“Mas isso ainda pesa, por acaso ainda pesa... eu falo por mim. Eu quando tinha as ovelhas e quando começamos a vender o gado o meu marido não estava lá porque as ovelhas eram minhas, o meu marido tinha a profissão. E o senhor chega lá assim ‘então não está cá o seu marido? Então agora como é que lhe compro os borregos?’ (...) e eu assim ‘aí, então se os há-de comprar compramos a mim’; ‘então e você vende-me os borregos? Então e depois o seu marido?’; ‘o meu marido não tem nada, então isto é meu, ele é que agora cá manda? Por amor de Deus...’. Eu sempre fui reguila, não é? E a partir daí comecei eu a fazer o negócio dos borregos nunca mais (...) Porque mesmo até os homens respeitam mais um homem que uma mulher... toda a vida foi assim, não é... que é normal.” (P4).

3.7 Identificação de dificuldades no exercício da profissão

A. Entraves estruturais

Nesta categoria, os problemas referidos são no Sabugal: 1) os caminhos - que dificultam a passagem das máquinas agrícolas; 2) a dispersão das terras à venda que seria resolvida com o emparcelamento; 3) as portagens, que resultaram na diminuição do fluxo de clientes de outras zonas do país, principalmente da cidade de Lisboa e do Porto; 4) necessidade de ação (em termos de apoio e intervenção) dos poderes locais e centrais:

“Eu gostava que nos pusessem os caminhos em todos os passeios do Sabugal para que estas senhoras pudessem andar com as máquinas agrícolas à vontade.” (P6)

“Eu para mim fazia um emparcelamento! Porque é assim, uma pessoa tem 4 ou 5 hectares, mas tem um aqui e ali e assim já junta a esses 4 ou 5 hectares e eu chego lá e compro logo esses 5 hectares juntos! Porque eu não posso comprar 100 metros dali, depois compro ali mais 5000 metros... e se fizéssemos o emparcelamento até mesmo os próprios jovens agricultores podiam-se implantar, porque não tinham de procurar e compravam logo tudo e era muito melhor para a nossa zona!” (P4)

“É uma ideia, mas há entraves, olhe as portagens! Porque antes vinha muita gente de Lisboa e do Porto, mas agora vêm menos... o nosso interior já é fraquinho coitadinho...” (P4)

“O que precisávamos daqui era de alguns projetos que nos ajudassem a limpar os campos e os caminhos, (...) que houvesse mais plantação de árvores autóctones, criação de animais autóctones, perspectivas para a caça, porque não há mais animais no campo.” (P2).

A1. Falta de mão de obra

Este é um problema transversal nos dois conselhos:

“E outro problema também a falta de mão-de-obra. [Jovem?] Não, geral. Para a nossa atividade precisamos em determinada época [de jornaleiros] e não se arranja, nem a pagar.” (P1)

“Acho que o nosso problema maior é esse, não sei que é que as colegas vão falar, é mão de obra. Eu não tenho mão de obra nenhuma, nem a pagar. Eu agora que preciso mesmo, porque estou sozinha.” (P7)

“O pessoal mais jovem é hoje apetece-me e vou, amanhã não me apetece não vou, hoje é sábado, não trabalho à tarde, mas o pomar não espera [HESITAÇÃO], se for preciso no domingo a fruta está lá e tem de sair e, por exemplo, esse pessoal mais novo não trabalha ao sábado, não trabalha ao domingo, e, portanto, é difícil se conseguir ter ali uma equipa firme e ter sempre pessoas. (...) A mão de obra é terrível.” (P12).

A2. Relutância em confiar o trabalho da sua exploração a outras pessoas

Os discursos desta categoria são das agricultoras de S. Pedro do Sul:

“Não queremos com mais ninguém. Eu nas minhas videiras não confio qualquer pessoa que vá ali, deus me livre deixar qualquer pessoa com uma roçadora no meio das minhas videiras.” (P13)

“Por exemplo, nós... eu, este ano não, mas geralmente faço a colha dos mirtilos da seguinte forma, tenho um grupo de amigos e família, e temos um sábado, ou, dois sábados naquela altura da colha e então vai toda a gente, leva-se comida, há um que está responsável pelo departamento da comida e os outros todos responsáveis pela parte da tesoura e uns dizem, “mas eu não percebo nada disto”. Eu também não percebia, mas vamos ali uns... Mas, por exemplo, eu e o [companheiro] andamos sempre ali atrás de um, atrás de outros e andamos ali “não cortes lá para baixo; não tires esse; não podes tirar aquele; olha que não sei quê; olha que esse não produz; olha tens de tirar porque isto tem [IMPERCEPTÍVEL] a mais. [IMPERCEPTÍVEL] e o [companheiro] andou lá com uns senhores, que depois os senhores acabaram por andar uns dias sozinhos, que ele estava a trabalhar. E cheguei lá, e eu cheguei lá e disse assim “credo homem é muita [IMPERCEPTÍVEL]. “Para o ano vens sozinha mulheres”, foi logo a resposta. “Para o ano vens tu sozinha que tens logo tudo como tu querias”, porque algumas.” (...) “A fazer os trabalhos, temos de ser nós. Nós é que sabemos picar a tela, porque se forem os outros com a enxada com a terra, o plano não...” (...) “Temos de ser nós, que vamos calcando e pondo a terra para cima.” (...) “Eu não quero ser mal-educada, mas eu não queria [IMPERCEPTÍVEL]. E porquê? Porque as pessoas têm de ter sensibilidade para apanhar, especialmente o mercado em que eu trabalho.” (P12)

“Claro que não há ninguém que faça como eu.” (P10).

A3. Praga dos Javalis em S. Pedro do Sul

Os javalis têm feito estragos um pouco por toda a região, afetando quase todas as agricultoras presentes:

“Agora o nosso grande problema, e será de muitas que estão aqui, são os javalis. Os javalis (...) eu tenho quando dois hectares de vinha, o que é que

resolvemos? Antes eu tinha uma parte com as ovelhas, desistimos das ovelhas durante uns anos, tratámos a vinha, temos setecentos, quase oitocentos metros de vinha de uma parte que está cercada, mas é rede ovelheira que não é (...).” (...) “Pois. Então, há três anos, 45 por cento da vinha foi para os javalis. (...) foi horrível. Três semanas antes da vindima. Agora já lá andam, já andamos preocupados, andamos outra de vez de volta da rede. (...) no ano passado, todos os dias, todos os dias, eu começava na rede, de um lado ao outro, depois quando [IMPERCEPTÍVEL] ia para casa. Eles (...) eles ripam as uvas!” (P13).

5. Sugestões de áreas de intervenção

Tal como referido anteriormente, as participantes foram convidadas a realizar uma votação secreta com o objetivo de fazer uma lista com os seus principais problemas enquanto mulheres agricultoras, bem como as necessidades de formação/apoio. Estas sugestões foram registadas no quadro para todas poderem ver e realizar uma nova votação secreta para eleger as três propostas mais pertinentes, por ordem de importância, através de *post-it*.

Sugestões de áreas de intervenção dadas pelas participantes do Sabugal:

1. Divulgação dos produtos agrícolas e animais e colocação no mercado – 4 votos
2. Emparcelamento – 3 votos
3. Formação em qualidade de carne da região (associação) – 3 votos
4. Ajuda na burocracia da atividade- 2 votos
5. Arranjo dos caminhos rurais – 2 votos
6. Valorização dos produtos da região/ artesanato – 1 votos
7. Valorização da mulher na agricultura na nossa região – 1 votos
8. Criar infraestruturas para ter regadio – 1 votos
9. Registo da história da agricultura dos nossos pais – 1 voto

Sugestões de áreas de intervenção dadas pelas participantes de S. Pedro do Sul:

-
1. Recriação de tradições do antigamente, inclusive para fins turísticos (desfolhadas, ciclo do milho, matança do porco) – 4 votos
 2. Criação de uma cooperativa – 3 votos
 3. Associação/estratégias para ajudar a melhorar escoamento dos produtos – 3 votos
 4. Mais apoio às infraestruturas e explorações agrícolas – 2 votos
 5. Reabertura de feiras, mercados e festas – 1 votos
 6. Falta de mão-de-obra qualificada – 1 votos
 7. Problemática dos javalis – 1 votos
 8. Valorização do papel da mulher no mundo e na agricultura – 1 votos
 9. Maior número de reuniões entre mulheres - 1 votos

6. Limitações

A aplicação da técnica qualitativa e os dados que daí advieram mostram uma grande riqueza. Desta forma, cumpriram-se os potenciais exploratórios das entrevistas em grupos focais. Foram várias as temáticas levantadas pelo debate e pela partilha das participantes. Desse modo, a informação qualitativa que apresentamos permitirá tecer alguns dos próximos passos a dar no que a caminhos de intervenção diz respeito.

Porém, existe um conjunto de fragilidades da técnica e da análise qualitativa que são importantes destacar. Em relação à técnica usada, podemos salientar: a heterogeneidade etária do grupo levou a que algumas participantes não interviessem tanto quanto esperado; a sensibilidade de alguns tópicos abordados (divisão de tarefas domésticas, dinâmica familiar interna, intimidade, etc.) levou a algum constrangimento na partilha de informações; o horário de trabalho das entrevistadas é imprevisível e por isso algumas delas tiveram de sair da sessão mais cedo, limitando a sua participação na sessão; a dispersão das entrevistadas e o seu relativo afastamento face ao gravador de vídeo dificultou o entendimento devido de algumas frases, aquando da sua transcrição. Face a estas dificuldades, e como já mencionado anteriormente, é clara a necessidade de aprofundar estes dados com recurso a entrevistas individuais.

Por outro lado, outras técnicas de recolha de informação permitirão igualmente abordar de modo mais profundo os percursos de vida e trajetórias dentro da atividade agrícola e perceber o seu enquadramento na vida pessoal das mulheres agricultoras e das suas respetivas famílias.

No que concerne à técnica de análise de dados empregada, apesar da complementação dos diferentes métodos ter oferecido resultados consideráveis e ricos, não foram seguidas com sucesso algumas das regras da análise de conteúdo, nomeadamente a exclusividade e a heterogeneidade na análise dos discursos. Assim, destaca-se a importância de um trabalho mais exaustivo e fino em outros procedimentos de análise a dados desta natureza.

7. Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (2002). *Análise de Conteúdo*. Edições 70
- Campenhoudt L.V. & Quivy, R. (2003) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva
- Dawson, S., Manderson, L., & Tallo, V. L. (1993). *A manual for the use of focus groups*. International Nutrition Foundation for Developing Countries
- Gondim, S. M. G. & Bunchaft, A. F., (2004). “Grupos focais na investigação qualitativa da identidade organizacional: exemplo de aplicação”. *Estudos de Psicologia (Campinas)* 21(2), 63-77
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*. Princípia
- Hernández Sampieri, R., Fernández Collado, C., & Baptista Lucio, P. (2014). *Metodología de la Investigación*. McGraw Hill Education
- Rabiee, F. (2004). “Focus-group interview and data analysis.” *Proceedings of the Nutrition Society* 63(4), 655-660 <https://doi.org/10.1079/PNS2004399>
- Roque Dantas, A. (2016). Análise de Conteúdo: um caso de aplicação ao estudo dos valores e representações sociais. In Lisboa, M. (Coord.) *Metodologias de Investigação Sociológica. Problemas e soluções a partir de estudos empíricos* (pp. 261-286). Edições Húmus
- Silva, I. S., Veloso, A. L., & Keating, J. B. (2014). “Focus group: Considerações teóricas e metodológicas”. *Revista Lusófona de Educação* (26), 175-189;
- Trad, L. A. B. (2009). “Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde”. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* 19, 777-796

Anexos

Grupo Focal Sabugal. Fotografias



Grupo Focal S. Pedro do Sul. Fotografias

